A escrita comum como dispositivo na formação em saúde

The common writing as a device in health training

Adriana Rodrigues Domingues; Adriana Barin de Azevedo

Universidade Presbiteriana Mackenzie; Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO:

A oficina de escrita do diário de campo propõe uma experimentação da escrita de um acontecimento significativo vivido no cotidiano dos profissionais de saúde. Tomando o diário de campo como dispositivo, o exercício de escrita visa produzir linhas de visibilidade ao processo vivido, àquilo que pensa no corpo, às memórias, às imagens, às intensidades. Os profissionais de saúde são convidados a narrar a singularidade de seu modo de afetar e ser afetado pelas experiências, a partir de um encontro com os outros profissionais, por movimentos físicos que provocam deslocamentos pela sala e pela escuta e o registro em áudio de narrativas que falem sobre seu interesse pela oficina e pela escrita diarística. Esta aparece como uma forma de rachar o tempo, as cenas, as formas e os elementos que compõem a experiência, produzindo uma *escrita comum* e problematizando o percurso formativo destes profissionais em suas trajetórias singulares.

Palavras-chave: escrita comum; diário de campo; formação em saúde

ABSTRACT:

The writing workshop of the field diary proposes the experimentation of writing about a meaningful event lived in the daily life of health professionals. Taking the field diary as a device, the writing exercise aims to produce lines of visibility to the process lived, to what is thought in the body, the memories, the images, the intensities. Health professionals are invited to report the singularity of their way of affecting and being affected by the experiences when meeting with other professionals, starting with physical movements that will cause displacements across the room. In a sequence, there will be the listening and audio the recording of the narratives of the personal interest in the workshop and in diary writing. This kind of writing shows up as a way of breaking time, the scenes, the forms and the elements that compose the experience, producing a *common writing* and problematizing the formative course of these professionals in their unique career path.

Key-words: common writing; field diary; health training

Introdução

Escrever sobre a própria prática profissional parece algo simples à primeira vista: rastreamos nossas memórias e recorremos ao registro dos gestos realizados cotidianamente. Neste exercício, a escrita tende a se iniciar com a descrição de procedimentos, rotinas e atribuições que dão contorno a determinadas funções,

desenhando a atuação de forma tão mecanizada quanto os gestos que ali estão registrados. Esse exercício se torna mais difícil quando propomos, aos trabalhadores e trabalhadoras do campo da saúde, o desvio dos gestos automatizados para o registro da dimensão subjetiva que está sempre atrelada à produção de cuidado que perfaz essa experiência profissional.

A oficina de escrita, realizada em outubro de 2017 na Faculdade de Saúde Pública da USP, foi uma atividade proposta pelo grupo de trabalho *Subjetividades Contemporâneas* da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia) aos profissionais de saúde, com o intuito de provocar esse desvio no automatismo dos textos acadêmicos por meio da produção de textos que relatem um acontecimento significativo vivido no cotidiano de trabalho nos serviços de saúde. Como experimentação, partimos da escrita de um diário de campo como forma de cartografar os elementos presentes em determinada situação, dando evidência para as palavras, os afetos e a experiência consigo mesmo.

Outro desafio que se apresenta em uma oficina de escrita é propor um roteiro para a produção do diário de campo sem correr o risco de torná-lo um anti-diário. Por ser uma escrita íntima e pessoal (LOURAU, 1993), não se deve seguir protocolo ou qualquer sugestão que o coloque em uma forma pré-fabricada. O diário deve seguir o fluxo do pensamento, seguir o desenho das cenas que são ativadas quando a memória é provocada ao se registrar um acontecimento ocorrido na atividade profissional.

Se fosse possível mapear seus elementos mais comuns, quais pistas um roteiro de diário de campo teria? Nesta oficina, foram propostos os seguintes elementos: um contexto, algumas cenas e os diversos atravessamentos presentes nesta paisagem (políticos, econômicos, familiares, sociais, religiosos, sexuais, culturais, desejanter). Procuramos, neste percurso, mapear os processos de subjetivação, entendendo que estes processos partem de um sujeito aberto aos fluxos que o atravessam em encontro com uma alteridade. Desfazemo-nos, desta forma, de uma explicação da subjetividade centrada em elementos essencialistas ou absolutamente interiores, seja sob a forma de uma essência, natureza ou substância, ou sob a síntese de identidade, indivíduo ou personalidade. Compreendemos a subjetividade como produzida, moldada, modulada e automodulável, capaz até mesmo de ser reinventada, como recusa a uma individualidade que lhe foi imposta (FOUCAULT, 1995a). Partindo desta concepção, pensamos que a constituição deste sujeito-trabalhador da saúde ocorre em suas práticas

cotidianas, de acordo com o grau de abertura à alteridade e a um campo de experimentação que deriva múltiplas e mútuas formas de afetação.

O diário de campo é, desta forma, a construção de uma narrativa que se produz a partir da experiência consigo, mas que carrega e é carregada pela presença de muitos outros na medida em que se constitui como uma escrita comum.

A experimentação

Construímos uma proposta de oficina de escrita dividida em quatro momentos¹: o aquecimento como forma de preparação para o encontro, o mapeamento de cenas significativas e dos afetos que a qualificam, a escrita diarística da experiência e a narrativa compartilhada.

O aquecimento se inicia com uma proposta nada simples: levantar-se da cadeira e andar pelos corredores; voltar à sala e reordenar as cadeiras de maneira aleatória; formar círculos menores com os participantes e depois um único círculo; aproximar-se de alguém que está perto e formar pares; sentarem-se e gravar um áudio respondendo à pergunta: “Por que estou aqui?”; ouvirem a própria voz gravada e a voz do outro.

Este exercício provoca um novo contato consigo mesmo e com o outro, expondo-se a uma situação inédita de escuta e escrita. Trata-se de um convite para deslocar o corpo do estado conhecido para uma exposição a algo novo, permitindo sentir as oscilações próprias a cada corporeidade, em suas memórias, ideias e sensações.

Uma proposta que exige um deslocamento do corpo dos espaços seguros, protegidos, formatados; sua finalidade é exatamente a “preparação” para o encontro - o deslocamento dos lugares organizados de certa forma. O exercício da escrita necessita desta ativação corporal: um corpo sensível a deslocamentos, estranhamentos, constrangimentos, capaz de suportar o jeito desajeitado, o gesto inacabado, o despreparo para um certo tipo de encontro, para entregar-se à presença de outros.

O exercício corporal causa constrangimento exatamente porque desorganiza o que está pronto. Se o que se buscava nesta oficina era uma fórmula de como escrever um diário, esse convite ao encontro com a escrita se inicia no deslocamento do próprio corpo; escrita que se faz no corpo, a partir do corpo.

No segundo momento, sugere-se que os partícipes escolham um dia em que tenham vivenciado uma experiência significativa em uma instituição, sem importar o lugar do qual se posicionam, seja ele o de trabalhador, consumidor, paciente, usuário, cliente, visitante ou qualquer outro. A provocação leva a memória a uma situação

específica, mas também a cenas, diálogos e sensações vivenciadas neste momento específico da vida. Ao invés de partir diretamente para a escrita desta memória, a proposta é que se escrevam palavras que adjetivem a experiência, evitando o perigo de que a escrita seja puramente descritiva. O convite se dirige a observar as experiências e sensações que atravessam um corpo em movimento, desde que este saiu de casa até o momento em que viveu aquela cena.

Assim, palavras soltas começam a ser rabiscadas, evocadas pelos seguintes enunciados:

- lembre-se de como saiu de casa, seu trajeto até o local e como chegou ali;
- observe suas sensações em relação ao espaço, ao entrar no local: claro/escuro, fechado/aberto, suficiente/sufocante, pequeno/grande, alegre/triste, radável/desagradável, cinza/branco/colorido;
- observe as pessoas que encontrou à sua volta: familiares, estranhas, agradáveis, alegres, tristes, simpáticas, mal humoradas, uniformizadas, coloridas, cinzas, próximas, distantes;
- encontre a cena que evoca o desejo de escrita: quem? como? o que? quando? para que? com quem? de que? de quem? com o que? e hoje?
- observe como você se sentiu nesta ocasião: quais estranhamentos? quais efeitos foram produzidos em você? quais atravessamentos estão presentes na cena?

A memória percorre estes enunciados e encontra os trajetos experimentados por um corpo, entrando em contato com o que qualifica a experiência para cada um e constituindo um mapa afetivo singular. É nesse sentido que buscamos desviar de uma escrita acadêmica, de um texto impessoal, apostando no diário de campo como dispositivo que narra como a experiência produz este corpo, produz esse ou aquele gesto.

O terceiro momento é a escrita diarística – cada um, em um momento solitário, traça um percurso narrativo entre as palavras soltas no papel, as memórias que deram origem a elas e os diferentes elementos presentes na experiência. Busca-se produzir variações na escrita levadas pela difícil tentativa de traduzir em palavras o que se passa no plano corporal. O devir da escrita captura as cenas, atravessa os fluxos do pensamento e da memória, carrega de palavras o que transborda do corpo.

Podemos dizer que nossa aposta tem ressonância com o exercício que Fernand Deligny (2007) realizava com o ato de escrever. Este autor francês, que vem ganhando visibilidade pela experiência singular de cuidado que realizou junto a crianças autistas²,

considerava o exercício da escrita como produtor da experiência, muito mais do que um instrumento de registro ou de interpretação da mesma. Ao escrever sobre seu cotidiano de trabalho, ele, na verdade, produzia este cotidiano através da escrita.

Em geral, costuma-se tomar a tarefa da escrita como narração do que se passou, das nossas sensações, das descobertas que fizemos. Deligny propõe uma torção, convidando a pensar que talvez aconteça justamente o contrário, escreve-se para descobrir ideias, para acessar pensamentos e afetos: “Meu projeto próprio era escrever. Escrever ao infinitivo” (DELIGNY, 2007: 1095, tradução nossa).

Para este autor, a escrita traça a experiência, permitindo que ela seja acessada, encontrada, vivida. E esse é um exercício que se aprende com as mãos, com os dedos, com o corpo em sua maneira de afetar e ser afetado:

Não se pode negar: existe o escrever e existe o quê. O quê, o conteúdo do livro, o que ele dirá, o assunto a respeito do qual é escrito, tudo isso é evidentemente essencial; resta o escrever, que é aracniano. Vocês podem olhar dez mil, cem mil mãos que escrevem: elas fazem a mesma coisa. Existem, contudo, algumas diferenças entre a aranha e aquilo por meio de que a mão, com os dedos transformados em patas e a palma transformada em corpo, escreve; o fio das palavras não sai das fiandeiras situadas na entrada do punho; foi preciso que aprendêssemos a escrever (DELIGNY, 2015: 34).

Fazendo menção ao trabalho da aranha que tece sua teia, chamando este trabalho de *aracniano* e, em outros momentos, de *rede*, Deligny compara a capacidade deste corpo da aranha com a capacidade da mão humana escritora. É sempre uma questão de corpo que aprende a agir – tecer e escrever –, fazendo fluir através de palavras, em nosso caso, os acontecimentos marcantes que reverberam em nós.

O quarto momento volta-se para o coletivo para compartilhar a experiência, a fim de que a escrita possa ser feita em conexão com outros, um encontro de corpos. Assim como, no momento inicial da oficina, foi necessária certa dose de confiança para que se deixasse encontrar outros corpos, aqui também se necessita confiança para colocar o texto – fragmentos do corpo – à mostra. Há uma passagem do momento individual e solitário da escrita para o momento coletivo da partilha dos textos. A narrativa evidencia, nesse momento, o que deve ser colocado em análise a respeito da formação em saúde.

O diário de campo como dispositivo

Como afirmamos anteriormente, os relatos não pretendem se transformar em interpretações ou análises objetivas e teóricas sobre as experiências narradas, mas

buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que ocorreu no plano intensivo das forças e dos afetos; ajudam a identificar o movimento de dobra que o sujeito da experiência faz sobre si mesmo, suas inquietações e a forma como cada um foi sendo afetado pelas situações que decidem narrar.

Para Deleuze (1992), a subjetividade se faz por um movimento de dobra (*pli*) da pele que permite que, através de sua porosidade e flexibilidade, o lado de dentro e o lado de fora entrem em contato e se comuniquem. Estes lados não equivalem a um interior e a um exterior, mas a territórios cujos limites traçam as bordas do que somos. A dobra permite habitar estes territórios, situar-nos na fronteira, arriscar-nos a diluir o limite entre uma linha cujos contornos nos são familiares (lado de dentro) e uma linha cujos traços nos são desconhecidos (lado de fora). Esta dobra constitui “uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar” (DELEUZE, 1992: 138).

Tomando o diário de campo como dispositivo, o exercício de escrita visa produzir linhas de visibilidade ao processo vivido, àquilo que pensa no corpo, às memórias, às imagens, às intensidades. O termo *dispositivo* pode ser encontrado em diferentes textos e cursos de Foucault³, e também interessaram a Deleuze (1996; 1992; 2006), em suas tentativas de compreensão dos usos desse conceito nos textos de Foucault.

Para Foucault (1979), o termo dispositivo carrega uma natureza essencialmente estratégica, certa manipulação das relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las. Dispositivos da sexualidade, dispositivos carcerários, dispositivos disciplinares, dispositivos de verdade foram analisados em diferentes textos, como forma ou função estratégica para produzir ou ocultar práticas de controle e sujeição. “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 1979: 246).

Em seu texto *O que é um dispositivo?*, Deleuze (1996) propõe que ele seja compreendido, “antes de mais nada [como] um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente”, as quais “se dividem em dois grupos: de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade”. Essa afirmação nos leva a buscar as linhas de ruptura e fratura que compõem, atravessam e arrastam o dispositivo sobre o mapa que ele pretende configurar. É a capacidade de

irrupção, criação e liberdade do dispositivo que nos interessa cartografar na escrita diarística; sua capacidade tanto para tensionar e desfazer os códigos que submetem tudo a um único sentido, quanto capacidade de se movimentar para outros lugares deste território, agenciando e produzindo novas conexões e novos sentidos, sem obedecer a nenhum plano pré-determinado, mas deslocando-se num campo de afecções contínuas (BARROS, 1996).

Para Deleuze (1996), quatro são os tipos de linhas que comporta o dispositivo: linhas de enunciação, linhas de visibilidade, linhas de força e linhas de subjetivação. Como efeito de sua capacidade agenciadora, estas linhas podem se multiplicar em diversas outras: linhas de ruptura, de fissura, de fratura, pois todas elas “se entrecruzam e se misturam, de modo que umas repõem as outras ou suscitam outras, através de variações ou mesmo de mutações de agenciamentos” (DELEUZE, 1996). É, entretanto, no livro *Foucault* que Deleuze (2006) faz uma exaustiva análise deste conceito.

Para compreender como essas quatro linhas - visibilidade, enunciação, força e subjetivação - podem ser experimentadas no diário de campo, retornaremos à discussão que Foucault propõe sobre a escrita de si presente na Grécia Antiga. Encontramos, neste período, os diários descritos como *hypomnemata* – uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas, um dispositivo para o exercício de escrita de si e, desta forma, uma prática de cuidado de si em que se pode explicitar as experiências que foram vividas e, muitas vezes, permanecem em um nível implícito ou prerre refletido (FOUCAULT, 2006).

A escrita de si consistia em tomar nota do que ocorrera durante o dia – os pensamentos, os sentimentos e as atividades realizadas –, assim como escrever tratados e cartas a amigos relatando as próprias experiências e pensamentos, como forma de ajudá-los ou aconselhá-los. Tal exercício se contrapunha à retórica (cultura oral dominante na vida política) e intensificava a atenção aos matizes da vida, aos estados de ânimo e à própria experiência de si.

Os *hypomnemata*, que poderiam ser livros de apontamentos, registros públicos, cadernos de anotações pessoais, serviam como memória para serem usados como guias de conduta. Esses cadernos continham citações, fragmentos de trabalhos, exemplos, ações testemunhadas, descrições, reflexões que tinham sido ouvidas ou que tinham vindo à mente, e que podiam ser apresentadas como argumentos para ajudar a lutar contra algum defeito (a raiva, a inveja, a maledicência, a bajulação) ou para ultrapassar alguma situação difícil (um luto, um exílio, uma depressão, uma desgraça). Para

Foucault, “ não se trata de perseguir o indescritível [com esse registro], nem de revelar o oculto, nem de revelar o não-dito, mas, ao contrário, de reunir o já dito, de agrupar o que foi ouvido e lido, e tudo isto com o objetivo que nada mais é do que a constituição de si” (FOUCAULT, 1995b: 272).

Presente em Sêneca, Plutarco, Epicteto e Marco Aurélio, a escrita de si constituía um elemento indispensável à vida ascética, em muitos casos associada à meditação e aos exercícios do pensamento sobre si mesmo. Seja como forma de atenuar os perigos da solidão, seja como forma de revelar os movimentos do pensamento, essa prática não podia ser desenvolvida sem um treino de si por si mesmo. Esse treinamento assume uma forma linear – da meditação à atividade da escrita, e desta ao adestramento na situação real – e também uma forma circular – a meditação precede as notas, que permitem a releitura, a qual revigora a alma. Para Plutarco, independentemente do movimento que se faça, linear ou circular, a escrita de si se constitui como etapa essencial no processo de *askêsis*, ou seja, a elaboração e a transformação dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em uma “função *etopoiética*: ela é operadora de transformação da verdade em êthos” (FOUCAULT, 2006: 147).

A troca de correspondência também permite esse exercício pessoal, pois, como lembra Sêneca, ao escrever, se lê o que se escreve do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz (FOUCAULT, 2006). Além de agir sobre quem a escreve, a carta enviada age sobre aquele que a recebe, não com o intuito de informar, aconselhar ou comentar alguns princípios de conduta, mas como exercício constante de cuidado e elaboração sobre si mesmo. Tal exercício é recíproco: à medida que aquele que é orientado progride, ele se torna mais capaz de retribuir a orientação, tornando a relação de ajuda mais igualitária e fortalecendo a relação de amizade e cuidado com o outro. Além disso, o escritor torna-se mais “presente”, imediata e quase fisicamente, para aquele que recebe a carta. É essa relação de presença, reciprocidade e cuidado, propiciada pela correspondência, que a torna um exercício para a subjetivação do discurso verdadeiro, sua assimilação e elaboração como bem próprio. Novamente, alerta-se para o risco de não compreender tal exercício como um deciframento de si por si mesmo, mas como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo – uma história da cultura de si –, pois “a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo” (FOUCAULT, 2006: 157).

Pensar o dispositivo de escrita a partir da experimentação na oficina, das memórias evocadas, dos afetos mapeados no corpo e no coletivo é dar visibilidade e

enunciação a uma ideia-força que já se fazia pulsante, mas que precisou ser despertada pelos agenciamentos que se fizeram possíveis no espaço da experimentação. Trata-se do devir da escrita que coloca em movimento a própria vida.

O devir-escrita e o corpo como plano de inscrição dos afetos

Após o processo de escrita individual, no quarto momento da oficina convidamos as e os profissionais de saúde a lerem seus relatos para o grupo. Nesse processo, percebemos que a escrita de cada experiência, mesmo feita individualmente, é expressão de um campo de reverberações entre o autor e seus possíveis leitores, que envolve todo um campo de afetação. Podemos dizer que há questões comuns que ecoam entre aqueles trabalhadores e aquelas trabalhadoras que participam da oficina. No entanto as questões não são apenas comuns pelo fato de os participantes estarem circunscritos às mesmas identidades profissionais ou ao tipo de serviço em que atuam; mas sim, por partilharem um encontro, fazendo com que as histórias singulares se entrecruzem e participem dos mapas afetivos uns dos outros.

Os mapas afetivos referem-se às diferentes formas como cada um vivencia as experiências que são marcantes em suas trajetórias; é o desenho que se forma ao dar contorno as palavras que são rabiscadas no papel enquanto é convidado a navegar pelas cenas evocadas no segundo momento da oficina. Para que esse mapa seja formado é preciso se deixar impregnar pelas afetações que emergem dessas lembranças, permitindo encontrar o que não procurava ou mesmo ser encontrado pelos afetos aos quais não estava atento no momento em que a cena ocorreu. Busca-se, desta forma, traçar um desenho que acompanha os movimentos de transformação de uma paisagem vivida a uma paisagem evocada durante o exercício de escrita, mapeando o campo afetivo ao qual esta paisagem se encontra conectada e evitando qualquer tipo de distanciamento que nos conduziria apenas a representá-la de maneira descritiva.

Apresentaremos alguns trechos dos diários⁴ nos quais esta experiência corporal da escrita aparece.

André, um dos trabalhadores participantes da oficina, partilha com o grupo o efeito concreto de um corpo que fisicamente tenta segurar, dar conta de algo grande demais, como uma Kombi:

“A Kombi não ligava, tentamos empurrar, descendo a rampa veio em direção ao muro da vizinha, fiquei atrás para tentar segurar... o peso era muito, era um esforço diário de tentar operar um modo de auto-gestão das oficinas, dos empreendimentos, da equipe, da cooperativa, da lei que não está regulamentada, de uma série de gambiarras

que a gente faz por invencionice da ampliação dos territórios existenciais daqueles que acompanhamos. Eu quis tentar segurar e ao mesmo tempo mover a Kombi. Estirei grave minha batata da perna esquerda. Naquele exato momento eu percebi que tanto esforço não valia mais a força. Estranho como o destino vai nos apresentando suas cartas, a do carro foi a que eu tirei naquele dia. Ali naquele instante eu tive a consciência que eu já tinha feito minha parte, ali minha força física me apontava em novas conduções para a vida, eu rumava para um ciclo de finalizações” (Diário André).

No texto de André, percebemos o quanto a experiência se apresenta pelo modo de se narrar a cena. Como sugerido no roteiro inicial, André apresenta de que modo seu corpo sente, observa, avalia o que é possível e o que ultrapassa seu limite. O que seu corpo carrega, o peso que ele tenta sustentar exige novos rumos, procura uma força que possa ser investida de outra maneira. Nessa escrita rastreia-se o que compõe e o que não compõe mais o mapa afetivo deste corpo no esforço para realizar o cuidado em saúde.

No diário de campo da trabalhadora Isabella, o modo de buscar palavras que adjetivassem a experiência aparece pelo processo de mudança afetiva do seu corpo que tenta acolher os efeitos de uma situação tensa com um usuário:

“A porta abre, ele não entra, só diz: ‘Isabella você tem cinco minutos’ e fecha a porta. Uma mistura de sentimentos nesse momento, lembranças de outros acontecimentos com ele emergem, aquela sensação de que as coisas não seguiriam tranquilamente (...). Ele estava com muita raiva, queria que o víssemos. Ele pegou a lixeira, que ficava embaixo da janela, manteve o olhar para mim. Cheguei a pensar que ele me agrediria fisicamente, esse pensamento era novo, não tinha sentido isso antes, a raiva estava direcionada a mim. Em outras situações eu fui o refúgio, a mediadora, não o alvo. Ele faz uma pausa. Ele nos olha. Olha nos meus olhos. Joga a lixeira no vidro da janela, que estilhaça. Não tenho registrado em minha memória como se deram as coisas na sequência, tenho flashes, é como se tivesse havido uma pausa no acontecimento” (Diário Isabella).

Se, como nos *hypomnemata*, encontramos neste trecho um modo de cuidado de si pelo rastreamento dos afetos que chegam ao lembrar de um acontecimento marcante no espaço-tempo da oficina, podemos dizer que, com a escrita do diário de campo, o corpo parece acolher os diferentes lugares que precisa ocupar, por vezes lugar de refúgio, por vezes alvo de certa agressividade. Esta escrita, ao ser lida em voz alta para o grupo, faz ecoar as diferentes maneiras de Isabella ser afetada de modo que o barulho do estilhaço do vidro, as imagens em flashes, reverberam em todos os corpos. Nessa experiência coletiva, partilha-se um acolhimento do que acontece nas relações de trabalho de cada um.

Poderíamos dizer que, nesta escrita, Isabella é levada a se encontrar com algo que já estava ali, sem nome, sem categoria que explique o que aconteceu, o que ela

sentiu. Ela apenas acessa este verbo no infinitivo – sentir – como uma capacidade a ser descoberta em suas variações:

“Continuei tentando processar o que eu senti, voltei para a cozinha, tentei terminar a comida que no prato esfriava, não dava mais, não descia, estava nauseada. Não sabia ao certo o que estava sentindo, o que senti, era novo aquela cena, era novo aquilo na nossa relação. Senti algo que não havia sentido antes. Ao mesmo tempo, algo me dizia de um progresso, ele quebrou o vidro, não machucou ninguém, foi uma escolha, foi um jeito de aliviar a raiva, foi uma estratégia. Sinto que algo quebrou em mim. Vou para a reunião que teríamos na sequência, espaço em que poderíamos elaborar um pouco do que aconteceu. Conversamos um pouco na mini equipe, não estava fácil nomear o acontecimento, os sentimentos, a experiência vivida. Era sexta feira e logo eu já iria para casa. Alguns dias passaram, para eu conseguir nomear o que senti ... senti medo ... senti que algo mudou” (Diário Isabella).

Sentir de muitas maneiras. A cena nos carrega junto com aquele corpo, somos contaminados, acessamos uma memória comum, passamos pela comida fria, pela náusea, aliviamos a raiva, encontramos alguma composição. Na escrita de Isabella, uma cena é construída por este corpo que sacoleja com os afetos disparados na oficina. O devir-escrita é ativado através deste encontro comum em que as memórias são rastreadas e as narrativas são construídas na presença de outras pessoas – um campo afetivo estabelecido entre aqueles que se propuseram a se deslocar de seus lugares, encontrar outros corpos e expor suas narrativas para o grupo.

O corpo é tomado como plano de inscrição deste percurso e dos afetos produzidos nele e é, aqui, considerado não como “uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas”; um corpo em que “somente as intensidades passam e circulam”; que não se opõe aos órgãos, mas “ao organismo, à organização orgânica dos órgãos”; denominado por Antonin Artaud de Corpo sem Órgãos (CsO) (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 9-21).

No diário de André, ele diz: “eu tento escrever pra lembrar, pra lembrar tudo isso pra ao menos garantir um mínimo da memória do acontecido, mas sei que a imaginação vai dar conta de suprir uma parte do relato...”. Talvez, mais do que lembrar fatos, trate-se de construir modos de acessar esta experiência, de sentir este “plano de inscrição dos afetos”; porque a memória do acontecimento é uma memória daquilo que salta, das variações de estado dos corpos: tristeza, alegria, decepção, esperança, sonho, frustração, desejo, abandono, ambiguidade, cumplicidade. Nos acontecimentos, portanto, produzem-se as linhas de força deste dispositivo: as reverberações da escrita - o que se imagina antes de escrever, o que se desenha ao escrever, as imagens formadas ao ler ou ouvir contar.

Em outro diário de campo, os elementos que um corpo apresenta aparecem pelo modo de aproximação da trabalhadora de saúde, Renata, com o usuário assistido, em sua tentativa de estabelecer uma conversa franca e clara do que estava se passando com ele. Renata escreve de que modo é provocada por uma conversa com o usuário, explicitando o que pensa e sente da situação vivida por ele:

“Fui conversar, a princípio ele estava muito bravo e irredutível, disse que ia embora e nem adiantava eu tentar convencê-lo de não ir, e ele disse que não iria ficar mais naquele hospital, e que nem sabia o que estava fazendo lá, e queria ir para casa, para morrer em paz. Eu falei para ele que ele até poderia ir para casa, mas que achava que ele não morreria tão já, que desde fevereiro eu ouvia ele falando que ia morrer e que já era novembro e ele ainda estava vivo, porque depois da cirurgia o coração ficou bom, e que iria sofrer muito em casa antes de morrer, porque eu imaginava que o peito aberto devia causar bastante desconforto e sofrimento. Falei que seria melhor, talvez, suportar ficar mais algum tempo lá no hospital para resolver logo o problema, e voltar para casa com menos desconfortos. Expliquei que ele estava internado para tomar antibióticos e depois fariam uma cirurgia para fechar o peito dele” (Diário Renata).

Renata realiza seu cuidado através de uma conversa diretamente conectada com os afetos do corpo, com as suas sensações. Ela escuta o desejo do usuário assistido de morrer em paz e partilha com ele a sua maneira de ver o que seria uma morte mais tranquila na situação em que ele se encontrava. Renata não escreve sobre seu encontro, ela vive este encontro na escrita, de modo que o fluxo de pensamento, das ideias que aparecem em palavras é simultâneo ao fluxo das variações corporais. É nesse sentido que há um cuidado de si, um modo de se subjetivar neste encontro com o outro, nesta capacidade de modular seu agir profissional:

“Esse caso me faz refletir até hoje de como nos encontramos com os usuários, de como me encontro com as pessoas de quem eu estou cuidando. O que mobilizo nelas a partir dos nossos encontros, mas também do que mobilizam em mim. Mas principalmente, esse caso me faz pensar na profissional de saúde que eu fiquei feliz em ser, e do modelo de profissional de saúde que eu não gostaria de me tornar um dia. Também me faz refletir sobre o que meus professores e supervisores sempre me falaram, que eu tinha que ter um distanciamento emocional seguro dos pacientes, isso nunca fez sentido nenhum para mim, sempre me vinculei com os usuários e sempre fui afetada por eles, e nunca achei isso ruim e nem prejudicial, pelo contrário, nunca consegui experimentar isso de “distanciamento emocional dos paciente”, na realidade, agora refletindo, desde que eu passei a me encontrar com os usuários, eu nunca entendi bem como seria isso, como que os outros profissionais conseguem colocar isso em prática e não se afetar pelas pessoas” (Diário Renata).

Como mencionamos anteriormente, Foucault (2006) apresentava que na escrita de uma carta, na Grécia Antiga, havia certa presença, reciprocidade e cuidado, que eram propiciados pela correspondência. Na escrita deste diário de campo, esta presença e cuidado também aparecem quando percebemos que Renata é afetada pelo modo do

usuário lutar por um cuidado de si, ao desejar sair do hospital quando lhe é negado o conhecimento de sua própria situação. Na escrita, a trabalhadora narra sua escuta, sua implicação, buscando uma relação de cuidado mútuo ao garantir ao usuário compreender e participar da decisão quanto ao que fazer em seu estado. Nesta escrita, ela tateia um modo de agir profissional que devém outro, porque escrever é devir outra coisa, como diz Deleuze:

Acho que a atividade de escrever não tem nada a ver com o problema pessoal de cada um. Não disse que não se deve investir toda a sua alma. A literatura e o ato de escrever têm a ver com a vida. Mas a vida é algo mais do que pessoal. [...] Acho que escrever é um devir alguma coisa. Mas também não se escreve pelo simples ato de escrever. Acho que se escreve porque algo da vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida. É isso. Nós nos tornamos alguma coisa. Escrever é devir. É devir o que bem entender, menos escritor. É fazer tudo o que quiser, menos arquivo (DELEUZE e PARNET, s/d: 27).

É deste modo que um devir-escrita aparece pelo corpo como plano de inscrição dos afetos. Recolhendo as cenas, lembrando acontecimentos marcantes, as e os profissionais de saúde se arriscaram na tarefa da escrita dos diários de campo para entrar em contato com seus corpos afetados. Podemos dizer que tanto os escritores/narradores quanto os seus leitores foram surpreendidos. Nunca se sabe o que a própria escrita tem a dizer antes de ouvi-la, lê-la e senti-la, pois no movimento de um corpo que escreve há muitos afetos que aparecem, que se organizam e inventam uma expressão. O agir da escrita produz também muitas escutas e novas ideias, convocando novamente o plano comum de questões que é ativado pelo bom encontro entre aqueles que participam desse momento e sentem que há algo que escapa e precisa ser registrado.

Deligny salientava a necessidade de se aprender a escrever, a deixar que a teia, a experiência se trame. Podemos acrescentar a esta ideia que é preciso escrever com o corpo, ou com o que este autor chamou de *corpo comum* (DELIGNY, 2007: 952) inspirado na experiência com crianças autistas. O convívio com estas crianças dependia de um território partilhado, um modo de viver em rede, em que todo o espaço, as relações, os afetos estabelecem certa conexão para que o corpo daquelas possa existir. O dispositivo do diário de campo trabalhado nesta oficina busca ser um instrumento que trama esta rede, que convoca os corpos a escreverem como movimento de um sentir e pensar, dois verbos que acontecem em simultâneo. Escreve-se com este campo de conexões, com a singularidade de um modo de ser afetado que é comum na medida em que se partilha de um plano de afetação entre todos os presentes e é singular por afirmar a variação deste comum na escrita de cada experiência.

O que entrelaça as histórias umas às outras e produz um plano comum é tudo aquilo que aparece como atemporal, os acontecimentos que compõem a própria expressão da condição humana. Aquilo que transpira de cada história se incorpora a vários outros fatos narrados e forma um plano no qual se inscrevem as transformações corporais, os devires que arrastam os sujeitos a zonas de vizinhança (DELEUZE e GUATTARI, 1997).

A experiência de uma escrita-comum

Por que dizemos que se escreve com o corpo e pelo corpo, por que dizemos que se escreve a partir dos afetos? Porque apostamos neste campo conceitual de autores que, na esteira do pensamento de Espinosa, se afastam da tradição filosófica que concebe corpo e mente como duas substâncias, e afirmamos a unidade do corpo e da mente como modos de uma mesma substância, modo de sentir/agir e modo de pensar? Pois, com Espinosa, entendemos que o que se passa no corpo se passa simultaneamente na mente (SPINOZA, 2007: 87)⁵, de maneira que a mente é a ideia do corpo e, sendo assim, nós pensamos ao mesmo tempo em que sentimos. Portanto, ao falarmos de uma escrita como escrita do corpo, queremos dizer que todo pensamento é expressão de um modo de ser afetado e afetar outros corpos.

Nesse sentido, nessa escrita buscamos acessar uma experiência ética na medida em que através de um exercício comum, pela experimentação proposta pela oficina como disparadora de memórias e afetos, possamos narrar o que acontece em nós e não falar sobre aquilo que imaginamos ou interpretamos da experiência. Uma concepção ética se distingue de uma concepção moral de mundo, a qual se baseia em causas finais, em que cada experiência é explicada por um fim⁶. Não falamos sobre algo que deve ser ou buscamos traduzir em uma ideia aquilo que a experiência não é capaz de dizer. A escrita que propomos com o diário de campo expressa um pensamento da experiência, um pensamento concreto, vivido, sentido no corpo. Este pensamento é o pensamento de um corpo conectado com outros corpos, que vive de experiências comuns e que é capaz de uma *escrita comum*, ao ser despertado nesta oficina a entrar em contato com sua própria singularidade.

O encontro vivido nesta oficina mostrou que a escrita diarística é uma forma de rachar o tempo, as cenas, as formas e os elementos que compõem a experiência, produzindo um registro do que se passa neste corpo afetado pelos desafios cotidianos de trabalho e colocando em evidência as diferentes trajetórias pessoais e profissionais.

O roteiro do diário de campo surgiu como um pretexto para deixar vir o fluxo do pensamento a partir de deslocamentos do corpo: físicos, sensíveis, afetivos. Tratou-se, de certo modo, de embaralhar os afetos e permitir que as memórias conectassem combinações de imagens numa situação inusitada de encontro entre trabalhadoras e trabalhadores de saúde.

Todas e todos, neste espaço comum, narraram um território profissional e afetivo a partir dos seus trajetos, buscando aquilo que escapa e ao mesmo tempo insiste em suas práticas. Pelo exercício da escrita, as imagens, sensações e expectativas anteriormente presentes se entrecruzam provocando outras experiências afetivas. Para isso foi importante a aposta em diferentes momentos para acessar os gestos do corpo: os movimentos pela sala, tocar o corpo do outro, ouvir a fala do outro, ativar a memória com o outro. E, deste encontro, a escrita transbordou o que pertencia a cada um. O traço no papel apontava para um campo afetivo comum singularizado em cada história narrada.

Nesta multiplicidade de singularidades que se encontra à sua volta, não são exatamente as experiências profissionais cotidianas que lhe são comuns, mas as experiências sensíveis que derivam deste cotidiano e que a escrita diarística procura visibilizar. É uma “escrita de sangue e de vida que se opõe à escrita do livro” (DELEUZE, 1997); o corpo é o plano de inscrição dos afetos que emergem desse cotidiano e é também um lugar de potência para a produção de novos sentidos atribuídos a ele.

Referências

- BARROS, Regina Benevides de. Dispositivos em ação: o grupo. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, n. 4, p. 97-106, 1996. Número especial.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. 28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: _____ *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. p. 9-29.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. S/D.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 1996. p 83-96.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002

- DELIGNY, Ferdinand. *Ouvres*. Paris: L'Arachnéen, 2007.
- DELIGNY, Ferdinand. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: Editora N-1, 2015.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.
- LOURAU, Rene. *Análise institucional práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

Adriana Rodrigues Domingues; Adriana Barin de Azevedo

E-mail: adriana.domingues@mackenzie.br

¹ A preparação e coordenação da oficina de escrita foi realizada pela primeira autora deste artigo.

² No campo da clínica, da educação e das artes tem se dialogado com o pensamento de Fernand Deligny, autor que se denominava etólogo e escritor e que apostava em criar um modo de vida comum junto a indivíduos radicalmente diferentes, que não respondiam a um modo de funcionamento da subjetividade hegemônica. Deligny trabalhou com crianças autistas e também com crianças e adolescentes considerados inadaptados pelas instituições médicas, jurídicas e pedagógicas. Seu trabalho vem sendo descoberto no Brasil desde 2012, com a exposição, na Bienal de São Paulo, dos mapas dos trajetos do cotidiano de vida das crianças autistas, produzidos em Cévennes, onde Deligny viveu com elas e com alguns adultos que as acompanhavam. A primeira tradução das obras do autor para o português apareceu em 2015 - *O aracniano e outros textos*, por Lara de Malimpensa - e, em 2018, é publicada a tradução de *Os Vagabundos Eficazes*, por Marlon Miguel.

³ Foucault aborda o conceito de dispositivo nos textos *Os anormais* (2001), *Ditos e escritos II, III e IV* (edições francesas, 1994), *A hermenêutica do sujeito* (2004), *História da sexualidade I* (1977), *Em defesa da sociedade* (1999), *O poder psiquiátrico* (2006) e *Vigiar e punir* (1987).

⁴ Gostaríamos de agradecer a Isabella Silva de Almeida, André Miolo Nunes e Renata Pereira Sanches Guardia a autorização para uso de trechos selecionados de seus diários de campo.

⁵ Na *Ética*, obra mais importante de Espinosa, a discussão da correlação entre corpo e mente aparece na famosa proposição 7 da Parte II deste livro: “A ordem e conexão das ideias é o mesmo que a ordem e conexão das coisas”. Esta questão é desdobrada em diversas proposições, demonstrações, escólios do livro. Citamos mais algumas importantes passagens, da Parte II da *Ética*, que explicitam a compreensão e que pensar e sentir/agir são simultâneos e não há superioridade de um sobre o outro. Prop.13 “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa”; Prop. 19 “A mente não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo”.

⁶ Espinosa apresenta em todo o texto da *Ética* uma diferenciação entre uma ordem moral do mundo, sustentada no finalismo e uma ordem ética, pela qual pensamos a partir da experiência e do encontro entre as coisas para compreender o que nos acontece. Ver também este debate espinosano entre moral e ética no livro de Gilles Deleuze, *Espinosa: Filosofia Prática*, capítulo “Sobre a diferença da Ética com relação a uma Moral”.